

# BOLETIM LUSA

Maputo, Sexta-feira, 11 de Março de 1994

## Há mais confiança entre o governo e a RENAMO, diz Chissano no início da desmobilização

**Massinga, Inhambane** - Os primeiros 250 soldados governamentais foram desmobilizados quinta-feira em Massinga, 460 quilómetros a norte de Maputo, num acto em que o Presidente moçambicano Joaquim Chissano disse estar a crescer a confiança entre o seu executivo e a RENAMO.

"A desmobilização tem como objectivo fundamental consolidar a paz", declarou o Presidente moçambicano, que pela primeira vez em muito tempo surgiu fardado na sua qualidade de Comandante em Chefe das Forças armadas, enquanto o ministro da Defesa, Alberto Chipande vinha trajado à civil.

"Não se trata de nenhuma desmobilização unilateral, mas de o governo dar o primeiro passo num processo simultâneo", vincou Chissano na intervenção, a única produzida na cerimónia com os desmobilizados em parada, vestidos à civil, e os seus camaradas que esperam a sua vez ainda de camuflado.

"Desmobilização simultânea significa que não há vencidos nem vencedores", afirmou Chissano, que depois diria aos jornalistas acreditar "que a RENAMO vai desmobilizar e que vai começar em breve". "Não há nenhuma razão para não acreditar nisso".

"Das conversações com os líderes da RENAMO vejo que a confiança vai crescendo", acrescentou numa alusão aos encontros a sós que tem tido recentemente com o líder do ex-movimento rebelde, Afonso Dhlakama.

O Presidente moçambicano disse mesmo que estava certo de poder contar "com os soldados da RENAMO" se o país fosse vítima de uma agressão ou de uma ameaça à sua soberania.

No seu discurso, Chissano evocou as várias razões que ditaram o início da desmobilização, mas só lateralmente focou a impaciência dos militares, que levou o governo a decidir avançar, sem esperar pela RENAMO.

Só no próximo dia 18, serão desmobilizados os primeiros guerrilheiros da RENAMO, na área de acantonamento de Neves, como Massinga, situada na província de Inhambane.

O Presidente moçambicano reconheceu que o acantonamento fora concebido como uma "fase de transição para a vida civil" e para o novo exército, "cuja duração não deveria ser de mais de um mês".

As más condições de alojamento e alimentação provocaram motins em várias áreas de acantonamento, desde que começou a concentração das tropas a 1 de Dezembro, entre as quais Massinga, onde em Janeiro passado um civil foi morto pelos soldados.

O Presidente moçambicano explicou também aos soldados os apoios de que vão beneficiar e garantiu que "os desmobilizados não serão abandonados, nem se devem deixar abandonar".

Os militares desmobilizados receberam três meses de soldo e guias do Ministério das Finanças para receberem nos próximos três meses nos locais em que se fixarem.

Para um soldado raso o montante hoje recebido foi de 105.000 meticais. Consoante as patentes assim aumenta o valor da indemnização paga, que num sargento é já de 460 mil meticais.

As Nações Unidas entregaram-lhes também um livro com nove cheques, correspondentes a mais 18 meses de salários, mas que têm como montante mínimo 75.000 meticais por mês.



conforme prometera o representante da ONU em Mocambique, Aldo Ajello, hoje também presente em Massinga.

Além das indemnizações, os ex-soldados receberam uma ração de mantimentos para uma semana, composta por açúcar, arroz, feijão e farinha de milho e um "kit" de "sobrevivência" com sementes, uma enxada, uma catana e um manual de agricultura.

O seu transporte para as terras de origem foi assegurado pela Organização Internacional de Migração (OIM) em autocarros e camiões.

Além dos 250 soldados desmobilizados, 566 familiares iam-nos acompanhar, transportados também pela OIM, segundo funcionários da organização.

Mas para a grande maioria, a viagem não ia ser longa, porque eram da região.

## **Desmobilizados: "Não vou voltar mais"**

**Massinga, Inhambane** - Para muitos dos 250 soldados governamentais moçambicanos desmobilizados quinta-feira em Massinga, o futuro apresenta-se incerto, mas anima-os o deixarem para trás um passado para que foram muitas vezes levados à força.

Numa coisa os soldados são praticamente unânimes: não querem ir para o novo exército único, formado a partir dos efectivos do governo e da RENAMO.

Apenas um dos 1.200 militares governamentais acantonados em Massinga se voluntarizou para as Forças Armadas de Defesa de Moçambique, o nome do novo exército, que terá 30 mil homens, metade vinda de cada parte.

"Não vou voltar mais", diz Orlando Rafael Manhiça, 28 anos, 11 anos de tropa, o primeiro soldado hoje a ser desmobilizado em Massinga.

"Conta lá para ver se está certo", diz o Presidente Joaquim Chissano, depois de lhe ter feito assinar a papelada e entregado o cartão de desmobilizado e os 105 mil meticais que recebeu a título de primeira "tranche" de indemnização.

Muitos destes soldados só hoje souberam o que iam receber no momento da desmobilização. "Não estou claro, não tenho explicação conforme", diz o sargento Gabriel Pedro Vilanculos.

Quando lhe dizemos ao que tem direito, rapidamente faz as contas e diz: "não consegue resolver o problema".

Há nove anos e seis meses na tropa, Vilanculos tem "duas senhoras (mulheres)" e dois filhos, mas mãe, uma irmã e duas cunhadas "são da minha competência".

Em 1984, "quando ia na escola" na Beira (provincia de Sofala), tinha então 16 anos, "fui encontrado e levaram-me no exército".

Agora não sabe fazer mais nada senão disparar, mas na ficha de registo, quando em Dezembro chegou à área de acantonamento, escreveu "indústria" na parte destinada à profissão que queria aprender.

Mas o que ele gostava mesmo de fazer era "trabalhar num escritório". "Um trabalho simples...", acrescenta

Orlando Rafael Manhiça foi mais explicito. "Sei conduzir um pouco", diz para justificar porque quer ser motorista.

Mineiro é outra profissão que gostaria de abraçar este homem de Morrumbene (provincia de Inhambane), provavelmente seduzido pela "riqueza" que ostentam conterrâneos seus que "foram trabalhar no john (áfrica do Sul)".

A comunidade internacional disponibilizou 08 milhões de dólares para programas de apoio aos desmobilizados, mas depois de eles regressarem às suas terras, muitos se interrogam como vai ser possível vir-lhes a dar formação profissional, para mais num país onde o que há mais são desempregados.



Diferentes se apresentam as coisas para o tenente Sidique, geólogo de formação, que apesar de não ter sido ainda desmobilizado já tem o futuro traçado.

Vai poder voltar à empresa "Hidrocarbonetos de Mocambique", em Pande, de onde saiu para a tropa há nove anos numa vida que já conheceu vários rumos, o primeiro dos quais foi o de serralheiro-mecânico.

Mas para a grande maioria o regresso às suas terras de origem pouco mais significa do que ir cultivar as terras das suas famílias.

"Estou muito satisfeito de ir na minha casa", afirma Lourenço Balauchane, "soldado simples", 31 anos, nove anos na tropa.

Como tantos outros Balauchane vai voltar a Vilanculos, 150 quilómetros a norte de Massinga, onde tem dois filhos "e uma só senhora" para "fazer machamba (cultivar a terra)".

## INTERNACIONAL

### África do Sul: forças da ordem retomam o controlo do Bophutatswana

**Mmabatho** - As forças da ordem do Bophutatswana estão a recuperar o controlo da situação em Mmabatho, capital deste bantustão "independente", após várias horas de pilhagens e distúrbios, indicou a embaixada sul-africana na cidade.

Segundo a primeira secretária da embaixada, Lynette Lavender, as forças sul-africanas estacionadas próximas do Bophutatswana estão "prontas a intervir", na sequência do pedido dirigido a Pretória pelo embaixador Tjaard Van Der Walt.

Contudo, nem a polícia nem o exército do Bophutatswana pediram à África do Sul para intervir.

O Presidente do Bophutatswana, Lucas mangope, deixou Mmabatho ao principio da tarde, tendo indicado ao embaixador sul-africano que passaria o fim de semana na quinta que possui a 70 quilómetros da cidade.

A agitação surgiu depois que o governo do Bophutatswana se recusou a participar nas eleições multirraciais do próximo mês de Abril e a aceitar a reintegração do "bantustão" na África do Sul.

### Estados Unidos vão aumentar ajuda a Pretória após eleições de Abril

**Washington** - Os Estados Unidos vão aumentar a sua ajuda à África do Sul durante o periodo de transição a seguir às eleições gerais de Abril, anunciou quinta-feira o Secretário de Estado-Adjunto para os assuntos africanos, George Moose.

"Espero um aumento sensível da nossa assistência nos próximos três anos após as eleições de 26 e 28 de Abril", referiu o diplomata norte-americano.

A ajuda norte-americana à África do Sul é actualmente de 80 milhões de dolares por ano, acrescentou Moose, sem no entanto precisar o montante da assistência suplementar que Washington decidiu conceder ao governo de Pretória.

### Kremlin indignado com aperto de mão entre Nixon e Ruskoi